

**“Timidez? Medo da vida?”
O lugar do casamento no romance
Em Surdina, de Lúcia Miguel Pereira**

Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida

Resumo: No ano de 1933, a crítica literária e historiadora da literatura Lúcia Miguel Pereira investe, nos meandros da ficção, ao publicar dois de seus quatro romances para adultos *Maria Luísa* e *Em Surdina*. O objetivo deste texto é mostrar como essa também ficcionista, imprime no romance *Em Surdina*, traços do tempo ao mesmo tempo em que dialoga intensamente com alguns princípios clássicos, sobretudo o *carpe diem* e o *epicurismo*, na composição de suas personagens. Com vistas nessa questão, priorizaremos o exame do comportamento da personagem Cecília a fim de alcançar a satisfação e a realização pessoal através do casamento. Compondo um discurso paradoxal e integrando o legado de Lúcia Miguel Pereira caracterizado como ‘romance intimista ou psicológico’, a narrativa *Em surdina* transita bem entre a conservação dos valores clássicos e da conduta tradicional além de revelar, de modo distinto daquele utilizado nos romances regionalistas, algumas marcas ideológicas dos anos 30 que introduz o país em sua incipiente modernização.

Palavras-chave: Tradição. Modernidade. Liberdade. Aprisionamento.

Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida. Doutora em Literatura pela UNB, professora do Departamento de Comunicação e Letras da UNIMONTES-MG. E-mail: edwirgensletras@yahoo.com.br

¹ LIMA, Luiz Costa. *Mímesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 64.

Abstract: In 1933, the literary critic and literary historian, Lucia Miguel Pereira invests in the intricacies of fiction, publishing two of her four novels for adults "Maria Luísa" and "Em Surdina". The objective of this paper is to show how this also fictionist, expresses in the novel "Em Surdina", time marks while intensively dialogue with some classical principles, especially the *carpe diem* and Epicureanism, in the composition of her characters. In view of this issue, we prioritized the Cecilia's character behavior in order to achieve satisfaction and personal fulfillment through marriage. Composing a paradoxical discourse and integrating the legacy of Lucia Miguel Pereira, characterized as "intimate or psychological novel", the narrative transits well between the preservation of traditional values and traditional conduct as well, furthermore revealing in a distinct way from that used in regionalist novels and some ideological 30's marks that introduces the country in its incipient modernization.

Keywords: Tradition. Modernity. Freedom. Imprisonment

Mas afinal o que querem as mulheres?
Sigmund Freud

"[A] ficção não *representa* a verdade, mas tem por ponto de partida o que produtores e receptores têm por verdade"¹. De acordo com o pensamento de Luiz Costa Lima, o leitor também constitui uma ferramenta essencial na atribuição do significado ao texto literário. Como um construto subjetivo que é a ficção, autor e leitor atribuem, no ato da criação e da interpretação, suas verdades a fim de delegarem sentido próprio ao escrito.

Tendo em vista os testemunhos registrados pela história, também no âmbito literário, podemos facilmente encontrar traços de realidade na obra *Em Surdina*, de Lúcia Miguel Pereira. Trazendo em si o dinamismo dos anos trinta, época em que foi escrita e publicada, *Em Surdina*, ademais de registrar espaço e tempo, alguns costumes tradicionais concorrem para acentuar a maneira verossímil com que foi narrada a

ambiência daquele momento. Nesse intento, é mister destacar os efeitos da rápida transformação por que passa o mundo sobre a protagonista Cecília. De modo paradoxal, esta almeja o casamento, o trabalho e a independência financeira. No dizer de Luís Bueno, “embora não possa ser classificada como uma moça de temperamento padrão, não é propriamente um espírito de exceção, de tal maneira que suas aspirações fazem parte de mundos possíveis para uma mulher da sua classe naquele momento”².

As aspirações de Cecília redundam numa intensa necessidade de viver a vida. Nesse sentido, convém explicar que, no decurso da estória, a protagonista trava um embate consigo mesma e com os demais membros de sua família a fim de concretizar as suas experiências. A trajetória da personagem é marcada pelos questionamentos acerca do que é e como viver.

O encadeamento dos fatos se dá em torno do anseio de Cecília pelo casamento. É o próprio narrador quem nos situa da relevância deste para o curso da vida da personagem: “Cecília podia dividir a sua vida em dois períodos distintos: antes e depois do casamento de Heloísa”³. Ainda nessa época, a mulher era preparada para exercer a vida conjugal. Alcançar tal felicidade e viver a vida para a sociedade que vivia Cecília ainda era uma condição muito restrita para as mulheres, embora, não raro encontrássemos aquelas que transgredissem os protocolos tradicionais⁴, como a irmã Heloísa. É a partir do pedido de casamento por Jorge Reis e do casamento da irmã Heloísa, que a personagem principal traça para si o objetivo de viver a vida e de ser feliz.

O eixo central da discussão de *Em Surdina*, o questionamento de Cecília sobre “quando começaria a vida, a Vida com V maiúsculo? E em que consistiria?”⁵, leva-nos a discutir as proposições que motivam a dúvida da personagem. Ela mesma responde, ao sentir a sensação de alívio ao negar o pedido de casamento de Jorge Reis. “Se, algumas semanas atrás, tivesse feito a si própria essa pergunta, responderia sem hesitar: ‘no casamento’”⁶. A protagonista mostra aqui certa insegurança decorrente das mudanças pelas quais passava a sociedade de sua época. Embora almejasse o casamento, a negação do pedido deixa estabelecida a tranquilidade pela conservação de sua posição. E

² BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Universidade de São Paulo; Campinas: Unicamp, 2006, p. 318.

³ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Em surdina*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933, p. 18.

⁴ Entende-se, neste estudo, o conceito de tradição a partir dos postulados de Raymond Williams que explica a etimologia da palavra. Neste texto, o substantivo latino tradição assume o sentido empregado no inglês, esclarecido por Williams como “descrição de um processo geral de transmissão, mas há um sentido implícito muito forte e amiúde predominante de respeito e obediência” (WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 400). Nessa direção é que empregamos o termo aos escritos de Lúcia Miguel Pereira em que a autora mantém certa convivência e respeito aos costumes do patriarcalismo, práticas e ideologias bem contemporâneas do século XIX e ainda de seu tempo.

⁵ PEREIRA, op. cit., p.52.

⁶ Idem, p. 52.

⁷ Ibidem, p. 30.

⁸ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 248.

reflete: "o sossego de não ter no que pensar. De saber que nada vai mudar, que tudo continua. Timidez? Medo da vida?... por que essa inexplicável confiança em si e no futuro?"⁷. Vê-se que a resposta é dada através de outras interrogações que refletem, como podemos ler em Bueno (2006), um romance pensado a partir da exploração de um momento de transição.

O casamento, o trabalho e a independência financeira como uma possibilidade de aproveitar a vida e 'vivê-la intensamente' como pretendia a personagem de *Em Surdina*, remonta-nos ao princípio horaciano do *carpe diem*. A expressão extraída do poema "Odes", do romano Horácio, é, geralmente traduzida para aproveite o momento, a vida. Nela, atribui-se, ainda, uma justificativa para o prazer imediato, sem medo do futuro. Na trilha dessa significação, deslocamos para outro contexto a expressão horaciana e a utilizamos aqui para designar a preocupação com a existência que nutre o enredo do romance de Lúcia Miguel Pereira, sobretudo o anseio pelo gozo dos prazeres proporcionados pela experimentação de novas vivências como o casamento e o exercício do trabalho.

Revelando-se ainda presa ao clima ideológico e literário do final do século XIX, marcado pela preocupação existencial, a autora inscreve os contrastes acerca do casamento como meio de vida para a mulher, já que este era apresentado como um fator de libertação ou aprisionamento. No âmbito das leis e dos costumes era consenso ainda de que a mulher deveria sujeitar-se ao marido e aos filhos. Apesar das transformações, o Código Civil de 1916 publicou um manual de economia doméstica com o sugestivo título *O lar feliz*, "atribuindo a homens e mulheres papéis que a encíclica *Rerum Novarum* enfatizava em 1891: lugar de mulher era em casa, pois só aí ela salvaguardava sua honestidade sexual; só aí ela garantia a prosperidade da família, só aí ela atendia à sua natureza"⁸.

Vê-se que a perturbação com a falta de princípios éticos e valores morais na sociedade leva a gestão política e religiosa a documentarem a divisão de tarefas e condutas de homens e mulheres. Movida pela inquietação que desestabiliza o sentimento feminino de buscar uma forma de viver, Cecília se depara com vários agravantes que desestimulam a concretização

do casamento. São algumas investidas sem sucesso como a tentativa de Jorge Reis, a sua declaração ao Tenente Sérgio Veiga, o pedido de Paulo e de Arnaldo Dias. Em todos esses momentos, o pensamento fixo na realização pessoal, em viver intensamente a vida.

Após o alívio da desistência do casamento com Jorge Reis pelo medo do futuro, Cecília volta a se questionar sobre o que é viver a vida. Em destaque, o narrador põe entre parênteses o pensamento da mesma “(ela não podia admitir que viver fosse essa miséria: comer, dormir, trabalhar; pensarem na pandega os homens e nos vestidos as mulheres)”⁹. O trecho reflete o inconformismo da vida extravagante, festiva dos homens e da futilidade das mulheres. Ela mesma se revela bastante sentimental, gostar dos amores dos romances e dos cinemas.

A observação dos truques da irmã Heloísa para apanhar dinheiro do marido Décio revela a ‘humilhação’ e a ‘servidão’ que o casamento escondia. Questiona também se “a vida a dois só seria possível com essa trama de pequenas vilanias, de mentiras, de subterfúgios? Duas criaturas não poderiam ser inteiramente leais – e querer-se bem?”¹⁰. À questão da falta de cumplicidade no casamento acresce o temor de que o casamento com Sérgio Veiga viesse a atrapalhar a intimidade intelectual cultivada com Paulo.

Para acentuar suas incertezas acerca do casamento, Cecília depara-se, no ônibus, com uma colega do tempo do colégio. Yolanda era uma moça muito bonita e invejada entre as companheiras porque, aos 14 anos já era noiva. Aos vinte e poucos anos, a colega transfigurada pela obesidade, pelas ocupações exaustivas da maternidade e do casamento, a adverte: “o casamento acaba com a gente”¹¹. Como não lia mais poesia como nos tempos da mocidade, Yolanda ratifica a preocupação de Cecília em prejudicar a sua intelectualidade, “case-se e verá se ainda tem vagar para essas cousas”¹². Tendo em vista o entusiasmo da colega pela ‘escravidão humilde e profunda da maternidade’ ou a vibração da irmã Heloísa pelo homem, Cecília revolta-se contra essas duas servidões e se pergunta, “estaria nisso a vida feminina?” Ao mesmo tempo “sentia-se alegre, porque era livre, porque não fora reduzida ainda a um instrumento de prazer e de procriação”¹³. Yolanda e a irmã Heloísa são, para a

⁹ PEREIRA, op. cit. p. 59.

¹⁰ Idem, p. 92.

¹¹ PEREIRA, op. cit., p. 95.

¹² Idem, p. 97.

¹³ Ibidem, p. 98.

¹⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 165.

¹⁵ PEREIRA, op. cit. p. 105.

protagonista de *Em Surdina*, como dois espelhos em que se via refletida após o casamento.

A constatação da personagem feita através do narrador põe em relevo os dois pilares nos quais estava alicerçada a prática feminina naqueles tempos: servir ao marido com o sexo e com a maternidade. Vê-se também que, o narrador, portando um instinto tradicional, está convicto do futuro da protagonista quando desta 'ainda' não se tornou objeto de prazer e de procriação. Parcialmente, o narrador não estava errado. O medo 'de ver correr a vida sem poder apanhá-la' e o pensamento de que 'o futuro não deixa gozar o presente' leva a personagem central a tomar a iniciativa de oficializar o noivado com Sérgio Veiga. Embora ouvesse muitas controvérsias e restrições na vida conjugal feminina, Simone de Beauvoir destaca que, no século XX, ainda era comum às mulheres desejarem o casamento como o destino traçado à existência feminina.

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição¹⁴.

Mesmo diante do quadro traçado pelas experientes Yolanda e Heloísa, Cecília se dispõe a aceitar Sérgio por marido. É ela mesma quem toma a iniciativa, porém Sérgio encenava uma brincadeira, não tomava com seriedade o namoro. Segue-se o comentário de tia Marina, via narrador "Os homens eram assim mesmo, não davam valor às moças sérias. Se Cecília fosse uma menina espevitada, já estaria casada"¹⁵.

Contradizendo esse comentário popular, a historiadora Mary del Priore (2005) ilustra que, nos primeiros 50 anos do século XX, é muito comum os homens terem receios de assumirem compromissos com as mulheres ditas mais 'modernas', portadoras de iniciativas e experientes da vida pública. O que há, no caso de Sérgio e Cecília, parece ser uma pequena inversão desse quadro. Ele pode ser interpretado como o homem moderno, que não se envolve nos relacionamentos afetivos, priorizando as relações furtivas e descomprometidas, que o romance também põe em destaque.

De modo paradoxal, a personagem central da narrativa destaca ser bom viver os pequenos fatos do cotidiano, mas, em seguida, reconhece que “seguramente, isso não era viver”... “ela que tanto desejava viver, conhecer afinal o seu caminho, só queria poder diminuir os passos, retardar o momento do encontro com a vida”¹⁶. Na trilha dessa interpretação, a protagonista, embebida da desilusão do casamento, reafirma, mais uma vez, que ‘encontrar-se’ com a vida coincide com a prática do matrimônio.

Influenciada pelas leituras sugeridas, pela postura e pela intelectualidade de Paulo, Cecília reconhece que precisa passar a sede de liberdade e se igualar ao homem, chegando a serem companheiros para se casar. O narrador destaca o pensamento da personagem através de parênteses “(nesse tempo já não encararia o casamento como única solução, já não precisaria casar)”¹⁷. A oscilação nos anseios da personagem é condizente com as contradições do tempo. Como comenta Luís Bueno, são aspirações possíveis para uma moça da classe de Cecília, mesmo que a narrativa vá, através das personagens, reafirmando a visão tradicional da sociedade em questão. Acerca da recusa do casamento com Jorge Reis, o filho do abastado banqueiro, o irmão de Cecília comenta ser ‘dar um pontapé na felicidade’. Sobre essa postura ainda conservadora da sociedade, Mary Del Priore (2005) afirma que era bem mais na teoria que na prática essa possibilidade de escolha das mulheres.

O pedido de casamento de Paulo, seu guia intelectual, reacende a indignação quando ele revela considerar o casamento um emprego para as mulheres. Com o intuito de ‘encher o vazio de sua existência’, Paulo a oferece ser a rainha em sua casa. Novamente, o homem revela sua postura machista e patriarcal a respeito do papel exercido pela mulher na sociedade. Mesmo sendo um sujeito instruído, moderno e intelectual, Paulo também portava os mesmos princípios seguidos pela família de Cecília. E adverte: “também ele achava que o seu lugar era dentro de casa, na servidão, na dependência. Oferecia-lhe um emprego de esposa, como o pai lhe oferecera de filha. Foram essas as suas palavras – era um emprego que tinha a lhe dar. Um emprego. Queria uma pessoa que lhe cosesse as meias e cuidasse da comida”¹⁸. Até a irmã

¹⁶ Idem, p. 132.

¹⁷ Ibidem, p. 144.

¹⁸ PEREIRA, op. cit., p. 147.

¹⁹ Idem, p. 247.

²⁰ PEREIRA, op. cit., p. 27.

Heloísa, muito moderna e festeira, conclui que o futuro da mulher é o casamento, e esclarece: “- mulher solteira depois de certa idade é um perigo: dá para beata ou para maluca... Você precisa tratar de casar, Cecília”¹⁹. Diante dessa vertente, a ficção testemunha e documenta o que historiadores têm observado acerca dos preconceitos com as solteiras e diante da aceitação na mudança de comportamentos femininos pelos homens, nas primeiras décadas do século.

Os motivos da recusa do pedido de casamento realizado por Paulo bem como os seus desdobramentos nos leva também a relacionar a tessitura da trama romanesca a outro princípio do mundo antigo. Desejando uma vida feliz e aprazível, a protagonista teme o futuro de solteirona, por isso quer o casamento. Mas, para ela, era preciso ser livre, precisava cultivar a amizade por Paulo, queria tê-lo como amigo, não como marido. Na relação de amizade, ela conseguiria ter liberdade e tempo para realizar os seus propósitos. Na vida conjugal, ela se tornaria uma serva dos desejos do marido e dos filhos. Neste ponto, a conduta da personagem permite uma breve aproximação com a idéia do filósofo grego Epicuro. Na filosofia do epicurismo, a busca do prazer e do sossego era necessário para alcançar uma vida feliz eliminando os temores do destino. A idéia que Epicuro tinha, era que para ser feliz o homem necessitava de três coisas: Liberdade, Amizade e Tempo para meditar. Cecília presentifica esses anseios, temores e objetivos levantados pelo filósofo em outros tempos.

Se por um lado, o casamento é entendido como uma forma de viver a vida para as mulheres, por outra, é pintado como um modo de aprisionamento para os homens. Cláudio, irmão da heroína da história, tem no casamento para os homens como sendo uma loucura. Para ele, o casamento era uma necessidade para as mulheres. “Casar... aguentar uma família... Brrr... Que horror! Nenhuma mulher valia a sua liberdade; se podia tê-las, quantas quisesse, sem sacrificar coisa alguma”²⁰. A observação do coadjuvante no enredo é muito providencial para mostrar o reconhecimento masculino das restrições impostas pelo casamento. Priorizando as relações vulneráveis, furtivas, Cláudio admite que o casamento, priva da liberdade o homem.

Passados alguns meses no sítio para a recuperação

da gripe espanhola, a vida no campo e a aceitação das dificuldades pelos camponeses levam a protagonista a entender que, na vida, é preciso se submeter. “O erro é não se submeter; é o que nós fazemos, é o que eu faço. Não me submeto a nada, por isso não sei viver”²¹. Aqui fala a voz da tradição e ela, então, opta pela submissão do casamento com Paulo. Chegara à conclusão que gostava mesmo dele e que ‘fizera uma loucura quando o recusara, pois estava obcecada pela idéia de trabalhar, de ser independente’. “Agora, caía em si. Queria, era ser feliz, obscuramente, a seu lado. Viver dele, para ele. Tê-lo junto de si – e mais nada”²². A intervenção enfática do narrador garante-nos que a tomada de atitude de Cecília fora acertada, ‘agora, caía em si’. Para esse narrador conservador, a felicidade só era possível no casamento. Nesse sentido, outra vez, a autora parece reatar com o narrador a fim de manifestar os princípios da tradição.

Ciente de sua decisão, Cecília não escreve a Paulo, pois se lembrava do que dizia sua avó, “– Uma moça nunca deve escrever a um rapaz”²³. Reafirmando os princípios da época encontrados na ficção, Mary del Priore explicita: “Recato era sinônimo de distinção. Moça de elite, segundo uma paulista quatrocentona, ‘não tomava iniciativa em procurar o rapaz... quem se declarava era sempre ele’”²⁴. Como a história, a convenção se torna uma norma quando é proveniente do discurso de uma família tradicional. Dona Ana, avó de Cecília vivia se gabando de que todos os namoros de suas filhas eram para casar, por isso, moças sérias não deviam procurar os homens.

Ao retornar, Paulo já está casado com outra. Essa perda lhe desperta o medo do futuro e a revolta da mocidade desperdiçada. Ocupando-se de cuidar dos filhos de Heloísa, Cecília, cada vez mais, vai assumindo uma postura materna em relação aos sobrinhos e ao pai. João, o outro irmão, posiciona-se a favor de Cecília, “– cada um precisa viver a sua vida... você deve se casar... aconselhava; no Brasil, a única saída para as mulheres é o casamento... isto é a terra das convenções”²⁵. A crítica feita pela personagem ao Brasil vai endossar que, no momento da enunciação, a sociedade ainda vive presa aos protocolos tradicionais, que orientam a vida, sobretudo das mulheres.

Segue-se novo pedido de casamento, agora por

²¹ Idem, p. 201.

²² Ibidem, p. 210.

²³ Ibidem, p. 209.

²⁴ PRIORE, op. cit., p. 256.

²⁵ PEREIRA, op. cit., p. 289.

²⁶ Idem, p. 337.

²⁷ Ibidem, p. 337.

²⁸ Ibidem, p. 342.

²⁹ Ibidem, p. 343.

³⁰ PRIORE, op. cit., p. 255.

Arnaldo Dias. Cecília já se encontrava com 29 anos e acreditava ser muito triste ficar solteirona e, "aos 29 anos, uma moça não tem mais tempo de esperar"²⁶. Porém, um grande empecilho na aceitação da união uma vez que Arnaldo Dias era melhor amigo de Pedro Carneiro, este era assumido amante da irmã Heloísa. Exalando os princípios éticos e morais de uma família tradicional, "não podia ser feliz um casamento assim, cujo começo se prendesse à desonra de Heloísa". "Era como se houvesse alguma coisa de turvo, de duvidoso, neste esboço de romance. Como se a lama em que se movia o outro respingasse sobre ele. E sobre ela também"²⁷.

Diante das impurezas em que seria construída essa relação, Cecília opta por ficar solteirona, cuidando do pai e dos filhos da irmã. Sobre a opção, Heloísa comenta: "– Olhe menina, o casamento, na pior das hipóteses, é uma carta de alforria. Uma mulher casada, mesmo mal casada, ainda é mais feliz do que uma solteirona. Ao menos tem mais liberdade"²⁸. No dizer de Heloísa, a mulher casada mantém compromisso com o marido e com a família, enquanto a solteirona tem diante de si toda uma sociedade que a vigia. E completa: "a vida como você a está levando, é uma vida incompleta, anti-natural"²⁹. Vê-se que, as próprias mulheres são condizentes com o discurso machista e preconceituoso que estabelece um destino muito restrito para as mulheres.

A trajetória de Cecília revela que ela mesma se posiciona de maneira bem paradoxal acerca do casamento. Vê nele uma possibilidade de viver intensamente a vida, mas se recusa a fazê-lo por medo ou por acreditar que essa condição, em alguns momentos pode trazer liberdade enquanto em outros pode ser um impasse para a mulher. Logo, a protagonista de *Em Surdina* não concretiza nenhum de seus propósitos, mas assume os compromissos de dona de casa no tocante aos cuidados com os sobrinhos e com o pai, ficando desprovida apenas da prática do sexo, alcançando a sua plenitude e acreditando ser plenamente feliz assim.

A tendência da tradição sobressalta ainda do fato de que nem a personagem, nem o narrador são capazes de entender o contato do sexo desprovido do casamento. Mary del Priore salienta que ainda nesse

tempo, “‘aprender a ser feliz’, significava literalmente aprender a ter relações sexuais regradas e contidas”³⁰, sobretudo porque essa repressão sexual entre mulheres estava relacionada com a moral tradicional. Para Luís Bueno, essa intercessão entre narrador e personagem é resultante do fato de que ambos se configuram como personagens de transição. “A única diferença que há entre eles, na verdade, é que Cecília é capaz de aceitar essa sua ‘elevação’ em relação aos instintos sem maiores questionamentos, enquanto o narrador precisa dar a ela alguma razão – e encontra uma em Deus”³¹. Bueno refere-se aqui ao fato de o narrador inserir uma citação de Rilke, extraída de *Histórias de Deus*, no último capítulo da narrativa, totalmente desvinculado do enredo, apenas para justificar as ações da protagonista. Essa inserção da religiosidade, no último momento do romance, aproxima novamente ficção e crítica uma vez que, na revisitação de acervo crítico de Lúcia encontramos boa dose de defesa dos dogmas católicos, sobretudo quando escreve para a revista *A Ordem*.

³¹ BUENO, op. cit., p. 325.

Como extraímos do texto, de forma sutil, princípios religiosos e traços de filosofia grega e romana, convém destacar que não intencionamos atribuir ao texto características de outros tempos, contudo transportamos a mesma significação dos princípios do epicurismo e do *carpe diem* para mostrar como o romance em estudo mescla tradição e modernidade. Logo, revisitando o pensamento de Luiz Costa Lima, o sentido do texto é construído a partir do criador e do receptor. Sob esse matiz, a autora deixa as pistas e, com base nessa interpretação da trama narrativa, podemos assegurar que a autora de *Em Surdina* produz, com intenso ‘sentimento de verdade’, a inquietação feminina diante da possibilidade de viver através do casamento, seja ele uma iniciativa de liberdade ou de aprisionamento.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo:

Universidade de São Paulo; Campinas: Unicamp, 2006.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Em surdina*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. (Trad. Sandra Guardini Vasconcelos) São Paulo: Boitempo, 2007.

Texto recebido em 05/12/2011.
Texto aprovado em 10/12/2011.